

PRÁTICA INCLUSIVA E SUAS IMPLICAÇÕES NA RUPTURA DE PRECONCEITOS:

um relato de experiência do Curso em Regência Coral do
PRONATEC/EMUFRN

Thaise Cristina Marcelino Matias

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
thaise_cris@yahoo.com.br

David Barbalho Pereira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
davidbarbalho@ymail.com

Catarina Shin Lima de Souza

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
catarina.shin@hotmail.com

Raquel Carmona Torres Félix

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
raquelcarmona2012pronatec@gmail.com

62

RESUMO

O trabalho apresenta um relato de experiência sobre a inclusão de um aluno diagnosticado com esquizofrenia no Curso de Regência Coral do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego – PRONATEC, no ano de 2014, contando como parceira a Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EMUFRN). Ele tem por objetivo relatar como essa prática inclusiva favoreceu descrevendo a inserção do aluno mencionado, assim como as percepções dos outros alunos e funcionários quanto o comportamento diferenciado do aluno em foco, e o processo efetivo de inclusão neste curso. A pesquisa foi desenvolvida mediante entrevistas semiestruturadas tendo como participantes três alunos e um funcionário. Com isso conclui-se que, para o processo inclusivo educacional acontecer é fundamental uma efetiva ação pedagógica, na qual o deficiente possa reconhecer-se incluído e de fato aprendendo significativamente. A paciência dos alunos, professor e equipe de funcionários é um exercício que deve ser praticado. Além da sensibilização docente no que se refere a busca por querer pesquisar o diagnóstico e estudar recursos didáticos e metodologias que favoreçam à aprendizagem evitando os possíveis preconceitos.

Palavras-chave: PRONATEC. Esquizofrenia. Música e Inclusão.

1 INTRODUÇÃO

A inclusão de todas as pessoas que apresentam deficiências tem sido comentada e está cada vez mais ocupando os espaços educacionais. Porém, muito precisa ser feito para conscientizar as pessoas de que, todas elas, tem o direito a frequentar uma escola que lhes dê o suporte necessário para sua aprendizagem, valorizando assim, as diferenças.

No ano de 2014 uma das professoras do quadro docente do Programa de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego - PRONATEC em Música, no curso de Regência Coral, deparou-se com uma realidade diferente mediante a inserção de um aluno diagnosticado com esquizofrenia. Percebemos então que era necessária uma busca por informações a respeito desse diagnóstico e uma adequação no processo de planejamento pedagógico, para que ele tivesse um bom aproveitamento, bem como na dinâmica de inclusão dele com os demais integrantes da turma.

63

O aluno em questão apresentava algumas condutas como: falar ininterruptamente, atrasos na linguagem, movimentos corporais exagerados, excentricidade nas posturas e no trajar, dentre outras. Dessa forma, alguns alunos ficavam assustados, outros riam e tomavam atitudes excludentes. Diante dessa situação, procuramos ajuda da professora que lecionava a disciplina Música e Educação Especial do curso de Licenciatura em Música da UFRN. A professora do PRONATEC que também foi aluna desta referida disciplina, obteve informações básicas no lidar com esse aluno que possuía este diagnóstico, bem como esclarecimentos sobre como promover a sua inclusão na turma.

Dessa maneira, fomos orientados pela professora desta disciplina, a pesquisar referências bibliográficas que abordassem sobre educação musical e deficiência¹, e, especificamente, sobre a esquizofrenia². Assim, com base na experiência vivida em sala de aula, e observando cada vez mais as mudanças de

¹ Joly (2003); Arten, Zanck e Louro (2007) e Louro (2012).

² Quintana (2007); Fernandes, Sousa, Suplino e Moreira (2007); Smith (2008).

comportamento por parte de todos os envolvidos, algumas questões nos foram relevantes, tais como:

- 1) Como os alunos da turma de Regência Coral vivencia a inclusão de um estudante com deficiência?
- 2) De que forma esta inclusão contribuiu para o crescimento da turma?
- 3) Qual a reação do aluno incluído frente aos demais colegas?
- 4) De que forma o curso Regência Coral, do PRONATEC/EMUFRN influenciou no desenvolvimento social e musical do aluno incluído?

Diante destas questões, torna-se possível antever os desafios a serem enfrentados no processo de inclusão do aluno incluído neste relato de experiência em que analisaremos – como a prática inclusiva no curso favoreceu sua inserção do aluno em foco, como esta prática contribuiu para a construção do seu conhecimento, e quais as contribuições significativas para os demais alunos da turma.

64

2 METODOLOGIA

Os objetivos estabelecidos nessa pesquisa requerem, enquanto processos metodológicos, a pesquisa bibliográfica, o relato de experiência, a coleta de depoimentos da turma e do aluno diagnosticado com esquizofrenia, bem como um breve relato das experiências e demandas exigidas nesse processo. Para isso, prevê-se a aplicação de entrevista semiestruturada junto ao aluno em questão, com o objetivo de saber: se ele tinha alguma atividade musical antes de fazer o curso PRONATEC; como foi seu ingresso no curso; o que o motivou a procurar especificamente pelo curso de Regência Coral; como tem sido a experiência dele na aula envolvendo a professora, a equipe técnica, alunos e demais professores. Neste sentido, pretendemos compreender as suas principais demandas e anseios quanto a própria organização do curso. Em paralelo, iremos aplicar entrevistas a três alunos da sua turma, Antônio, Clara e Paulo³ e um integrante da equipe de apoio do Pólo

³ Para preservar o anonimato dos(as) entrevistados(as), foram adotados nomes fictícios.

PRONATEC/Natal chamado Marcelo⁴, no sentido de relatar as tendências e índices que explicitem e caracterizem de que forma se deu as interações com este aluno pesquisado. A análise e tratamento dos casos serão acrescidos de observações e relatos realizados por nós, por meio de observação direta.

As entrevistas aconteceram na própria Escola de Música da UFRN, no segundo semestre e foi utilizado um aparelho de celular para realizar as gravações. Após essa fase, transcrevemos todas as entrevistas e integramos os pontos em comum do depoimento dos alunos e da equipe de apoio que retratam, posteriormente, a questão da exclusão e inclusão. Logo após, separamos os pontos relevantes da fala do aluno foco do qual o denominarei de Theo⁵.

3 PRONATEC

O Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego - PRONATEC foi criado pelo Governo Federal, mediante Lei nº 12.513/2011 (BRASIL, 2011), com o objetivo de expandir, interiorizar e democratizar a oferta de cursos de educação profissional e tecnológica no país, além de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino médio público. O PRONATEC tem o objetivo de ampliar as oportunidades educacionais e, de formação profissional, qualificada aos jovens, trabalhadores e beneficiários de programas de transferência de renda. Os cursos, financiados pelo Governo Federal, são ofertados gratuitamente por instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica e das redes estaduais, distritais e municipais de educação profissional e tecnológica.

65

A Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - EMUFRN, em parceria com a Secretaria de Ensino Técnico e Tecnológico - SETEC/MEC, implantou o PRONATEC no ano de 2012, objetivando capacitar e formar novos músicos para a formação de orquestras de cordas, bandas filarmônicas e corais em nosso Estado. O Curso de Formação Inicial e Continuada

⁴ Para preservar o anonimato dos(as) entrevistados(as), foram adotados nomes fictícios.

⁵ Para preservar o anonimato dos(as) entrevistados(as), foram adotados nomes fictícios.

em Regência Coral oferece subsídios básicos para o estudante músico - reger, ensaiar e dirigir - grupos vocais de diferentes naturezas e formações.

A organização curricular do curso de Regência Coral oferece as seguintes disciplinas, perfazendo uma carga horária total de 200 horas: Linguagem e Estruturação Musical; Ateliê de Regência Coral; Técnica Vocal Aplicada ao Coro; e Preparação de Recital.

4 ESQUIZOFRENIA

Segundo Smith,

O mistério acerca da doença mental sempre alimentou conceitos negativos sobre suas causas e resultou em tratamentos espantosos. Algumas sociedades acreditavam que os distúrbios eram contagiosos e que as pessoas atingidas deveriam ser afastadas do convívio social. Os tratamentos [...] refletiram tais crenças e comumente incluíam punição excessiva, aprisionamento, colocação em asilos, espancamento, acorrentamento, camisa-de-força e outras ações cruéis (SMITH, 2008 p. 235).

66

A partir desta citação, percebemos o quanto a esquizofrenia traz um histórico preconceituoso. Desta maneira, Quintana (2007, p. 258-259) define este estado de ser como “[...] uma demência que consiste na divisão da personalidade em virtude da dissociação ou ruptura dos processos psíquicos ou comportamentais com perda da consciência e do juízo de realidade”[...]. Com relação às causas, Louro afirma que esta doença enquadrada na deficiência mental, hoje nominada de deficiência intelectual,

... pode aparecer a qualquer pessoa e em qualquer momento da vida. Estudos recentes indicam que para a ocorrência de uma doença mental é necessária predisposição genética. Algumas doenças mentais, como a esquizofrenia, o transtorno bipolar, entre outras, podem ser deflagradas por componentes hereditários, mas as questões ambientais e o histórico individual nunca devem ser desconsiderados, quando se analisa o surgimento ou evolução da doença. (LOURO, 2012, p. 130).

A autora afirma que, essa doença é passível de tratamento e, em alguns casos, de controle e de cura. O combate à enfermidade é realizado por via

medicamentosa – mediante uso de psicotrópicos e terapia (LOURO, 2012). Quintana, afirma que outros procedimentos são úteis, desde que sejam aceitos pelo paciente, como, por exemplo:

os conselhos, as reafirmações, a educação, o exemplo, o estabelecimento de objetivos concretos, a melhoria da consciência da própria doença, o juízo de realidade, a elevação da autoestima, a assistência afetiva, a estimulação da preocupação pelos demais, o companheirismo, a brincadeira e as habilidades sociais em geral (QUINTANA, 2007 p. 261).

A cura nem sempre é possível, mas para algumas doenças, como é o caso da esquizofrenia, existe a possibilidade de manutenção e controle, desde que devidamente diagnosticadas e tratadas (LOURO, 2012 p. 130). Pesquisar sobre a deficiência específica do aluno já é um primeiro passo para nortear os caminhos que serão percorridos em sala de aula, “pois é a partir do diagnóstico (o que ele tem) e do prognóstico (evolução do quadro da deficiência com o passar dos anos) que o professor vai construir suas aulas” (ARTEN; ZANCK; LOURO, 2007 p. 52).

67

5 RELATO DE EXPERIÊNCIA

O aluno Theo sempre foi muito participativo, porém, com comportamentos bastante inusitados como por exemplo, devido o efeito dos remédios ele chegava em algumas aulas e dizia que estava muito cansado e que precisava dormir. Dessa forma, deitava-se no chão da sala e dormia. Nas aulas de técnica vocal, fazia movimentos exagerados no corpo, isso causava estranhamento por parte dos outros alunos, eles riam das atitudes dele, outros se afastavam no momento das práticas, outros evitavam olhá-lo. Assim, logo no início do curso, percebemos que houve uma rejeição por parte da maioria dos alunos devido a esses comportamentos singulares. Como podemos comprovar num dos depoimentos da aluna Clara: “Eu achei que ia ser bem difícil, sabe? Assim, tudo! As professoras lidar com ele, porque realmente é um pouco mais difícil, né? [...] não consegue exercitar tanto as atividades das aulas, então fica difícil por isso”.

O aluno Theo, em ambas as aulas, tinha também uma característica bem peculiar que não agradava muito os demais colegas: interrompia a aula e falava bastante sobre um determinado tema. Isso é demonstrado na fala da Antônia:

Em relação as aulas ele está sempre interrompendo. No início, eu achava bem chato. Quebrava o raciocínio, o raciocínio do prof... mas aê as vezes ele não era nem pra perguntar algo que esteja relacionado aquele assunto, era algo totalmente diferente [...].

Já o aluno Paulo nos traz uma percepção diferente das outras alunas:

No começo eu achava estranho [...]. Talvez por conta do excesso dele de sempre estar querendo participar, de tá sempre querendo ajudar, sempre estar falando [...] aquelas histórias que ele cria [...], mas fora isso, não vejo nenhum tipo de discriminação com relação a ele não.

Como falamos anteriormente, desde os primeiros dias de aula notamos que Theo tinha comportamentos não comuns. E, graças ao fato da professora do PRONATEC estar cursando a disciplina Música e Educação Especial no curso de graduação em Licenciatura em Música, pode-se aguçar melhor nossas observações para essa nova realidade que estava acontecendo. Dessa maneira,

Quando falamos em deficiência, de acordo com o Estatuto das Pessoas com Deficiência (2002), falamos em perda ou anormalidade de uma estrutura, função fisiológica ou anatômica que gera incapacidade para o desempenho de uma determinada atividade, dentro do padrão considerado normal para o ser humano. (LOURO, 2007, p. 25).

Sabendo disso, fomos procurar a equipe de apoio do PRONATEC/ Natal, representado pelo senhor Marcelo (nome fictício) que nos deu o contato dos familiares para que pudéssemos saber com exatidão o diagnóstico do aluno. Corroborando com Louro a autora sugere que "é extremamente importante que o professor conheça o diagnóstico. É a partir dele que poderá preparar sua aula com mais direcionamento, pois cada deficiência vai exigir uma abordagem e adaptação diferente." (LOURO, 2007, p. 25). Então, a partir daí tivemos uma conversa ao telefone com a avó do aluno Theo que nos falou do diagnóstico de esquizofrenia e

que tomava muitos remédios para controlá-la, sendo acompanhado por uma psicóloga e um médico.

Com o diagnóstico realizado, tínhamos o desafio de contemplar o referido aluno nos contextos dos objetivos, conteúdos e procedimentos que seriam trabalhados em sala de aula, tendo em vista que o mesmo tem o direito, tanto quanto qualquer outro aluno, a uma aprendizagem musical de qualidade. Assim, procurávamos manter uma rotina nas nossas aulas. Antes de dar início, sempre fazíamos uma retrospectiva do que tínhamos visto na aula anterior, segundo Louro (2012, p. 133) isso “ajuda muito com a organização neurológica”. Como podemos comprovar claramente pelo próprio aluno Theo em uma das mensagens escritas numa folha em branco:

Quando muita informação de uma vez é apresentada, **a mente sofre uma overdose** e pode ser que enlouqueça; mas quando uma grande gama de informação é **experimentada**, a mente é transformada e uma mudança substancial começará a acontecer. Começou e não vai acabar, o tempo chegou, só vai melhorar...” (THEO, 2014, grifos dos autores).

69

A “organização neurológica” é necessária, ele ainda traz um fator que contribui para essa mudança na mente que é a “experimentação”. Nas palavras de Louro ela traz numa outra abordagem, a das “vivências”. “Só conseguimos imaginar objetos e ações fazendo uso do material que, de alguma forma, seja resultado da nossa história de vida. Mesmo coisas extremamente criativas só podem ser concebidas a partir de elementos preexistentes na memória” (2012, p. 137).

Um dos exemplos de uma das práticas das quais realizamos em aula foi referente ao tema compassos. Utilizando o movimento e música para firmar a diferença entre os compassos binário, ternário e quaternário. A ideia era que ao ouvir as músicas eles se movimentassem livremente pela sala de acordo com o ritmo da música. No compasso binário foi colocado a música “Trem das Onze” do Adoniran Barbosa; no compasso ternário a “Valsa das Flores” de Tchaikovsky; e no compasso quaternário a canção “Mercury Blues” um Rock do David Lindly. Assim, o referido aluno em questão conseguia através do corpo, sentir o movimento da música e perceber a diferença dos compassos, além de soltar toda a sua energia.

Com a continuidade do curso, já no segundo semestre, os alunos passaram a se acostumar com o Theo, e a inclusão foi acontecendo aos poucos, até porque, ele era uma pessoa bastante agradável e comunicativa. Como demonstra sua colega Antônia,

Agora pelo menos pela minha parte tô acostumada com ele, já entendo o jeito dele. Dele tá interrompendo a aula pra perguntar coisas e tal... fala meia hora... é uma pessoa muito legal o Theo, muito legal mesmo. Gosto muito dele!

O cuidado dos funcionários para com o aluno Theo foi sendo construído e firmado por vários profissionais. Segundo Marcelo (funcionário do Apoio do PRONATEC/NATAL) relata que:

Você tem que digamos ter mais paciência para ouvir mais né? Então [...] surge uma preocupação adicional por exemplo: quando íamos para o restaurante universitário e assim, eu sempre ficava muito atento pra ver se ele ía voltar com todo mundo porque a gente não sabe que tipo de situação pode surgir. Mas no geral é isso: agir com mais clareza, com muita paciência e dar um tipo de atenção maior mesmo [...].

70

Para Theo, a música sempre o atraiu. Ele relatava em sua entrevista que seu pai sempre o educou musicalmente com músicas de estilo MPB. O Interessante é que ele define “música boa” como “aquela que tem uma melodia que emociona, melodia bem feita, que ainda que seja estranha, se percebe que o cara teve algum trabalho pra fazer”. Depois por volta dos dezoito anos Theo participou do coral da igreja, onde ele diz que encontrou a vocação de ser professor. Ele soube do curso de Regência por meio da internet e como ele mesmo disse “foi por causa do ensino, que o escolhi, pois quero ser professor”. Ao ser perguntado por nós sobre o que o Curso tem significado para ele, o mesmo relatou:

acredito que sejam três coisas: uma mina de amizades, aprendizado e realização pessoal. Amizades por que simplesmente em cada esquina, em cada corredor que eu viro, eu encontro amigos, sério, pelo ambiente que há aqui, aqui é a escola de música, que música é arte ela já incita a uma opinião e um entendimento mais elaborado.

Ele aborda também sobre a sua relação com os professores e funcionários:

[...] mas o fato é que todos os professores, com uma ou outra exceção são valiosíssimos, pessoas que são realmente interessados que o aluno receba, receba daquilo que tem pra receber. Funcionários, eu aprendo com cada funcionário daqui.

Quanto à questão referente aos benefícios que o PRONATEC lhe ofereceu, mudando sua vida nos aspectos pessoal e musical, ele respondeu: "Não posso dizer que estou mais centrado. Mas com certeza eu estou observando mais. E musicalmente o meu ouvido está mais aguçado." Ao ouvir isso o questionei: em que sentido "ouvido mais aguçado?" e ele respondeu que reconheceu diversas trilhas sonoras de desenho animado numa lan rouse. Ele fala também de melhorias não só na concentração como no "dormir menos".

Sem contar que a minha concentração que tá levemente melhor. Digo assim, demaaaaais por que eu vou ta sendo mentiroso comigo mesmo. Mas por exemplo, eu tou dormindo menos nas aulas, quer dizer, eu tou? quem deve dizer isso é você.

71

Além disso, ele relata a possibilidade de se conseguir emprego pois o nome UFRN tem respaldo. "Eu não digo que as portas se abriram. Tô dizendo que eu tô começando a bater nas portas, isso eu posso dizer. Por exemplo, se a pessoa não puder abrir a porta, pelo menos saber do meu trabalho. Que queira ou não queira a UFRN é considerada."

6 CONCLUSÃO

No sentido de compreender a inclusão social e, mais especificamente, a inclusão de uma pessoa com deficiência em uma sala de aula, ao descrevermos essa experiência e pelos dados coletados nas entrevistas realizadas, percebemos que para o processo inclusivo educacional acontecer é fundamental uma efetiva ação pedagógica, na qual a pessoa com deficiência possa reconhecer-se incluído e, de fato, aprendendo significativamente. A paciência dos alunos, professor e equipe

de funcionários é um exercício que deve ser praticado. A sensibilização docente no que se refere a busca por querer se aprofundar mais no diagnóstico desse aluno, estudar recursos didáticos e metodologias que favoreçam à aprendizagem são essenciais.

Dessa forma, esperamos que esse trabalho possa ajudar a encorajar professores e alunos a vivenciarem experiências similares – acolhendo o aluno com deficiência, sem medo de enfrentarem os desafios. Poder acompanhar a evolução não só desse aluno como também de toda a turma, equipe pedagógica e demais funcionários que de uma forma ou de outra acabam se envolvendo e descobrindo o valor da inclusão e seus benefícios como algo que traz um bem enorme para todos. Que tenhamos o olhar voltado para essas pessoas pois, “apesar de suas dificuldades, sonham e possuem não apenas motivação mas também potencial para a realização de muitos propósitos” (LOURO, 2012, p. 131).

REFERÊNCIAS

ARTEN, Alessandro; ZANCK, Sérgio; LOURO, Viviane. **Arte e inclusão educacional**. São Paulo. Didática Brasil, 2007.

BRASIL, Ministério da Educação. **Lei n. 12.513, de 26 de outubro de 2011**. Institui o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12513.htm> Acesso em: 08 nov 2015.

GONZÁLEZ, Eugenio. **Necessidades educacionais especiais específicas**. Coord.: Maria Arrilaga [et al]; Trad. Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2007.

LOURO, Viviane. **Fundamentos da aprendizagem musical da pessoa com deficiência**. São Paulo: Som, 2012.

QUINTANA, Guilherme. A personalidade e seus transtornos: diagnóstico e tratamento. In: GONZÁLEZ, Eugenio. **Necessidades educacionais especiais específicas**. Coord.: Maria Arrilaga [et al]; Trad. Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2007

SMITH, Debora Deutsh. **Introdução à educação especial**: ensinar em tempos de inclusão. Trad. Sandra Moreira de Carvalho. 5. Ed. Porto Alegre. Artmed. 2008.